



6º Congresso de Pós-Graduação

A CULTURA DOCENTE: UM DESAFIO PARA PROFESSORES (AS) INICIANTES DE MATEMÁTICA

Autor(es)

ANDREA PAVAN PERIN

Orientador(es)

ANDREA PAVAN PERIN

1. Introdução

A iniciação à docência é um período marcado por sentimentos ambíguos. Se, de um lado, ela é caracterizada como etapa de tensões, angústias e insegurança, por outro, o iniciante a professor sente-se alegre frente a situação de possuir sua própria turma e pertencer a um grupo de profissionais.

No Brasil, o início de carreira tem sido pouco explorado, segundo um estado da arte sobre as pesquisas que tratam do início de carreira realizado por Gama (2007) foi encontrado, num período compreendido entre 1983 e 2006, cinco trabalhos em Matemática. Podemos perceber que ainda estamos dando os primeiros passos no campo da investigação que trata a iniciação à carreira docente. A ausência de produções específicas sobre a inserção contextual e prática docente no início de carreira profissional no Brasil, sobretudo em Matemática, motivaram-me a desenvolver uma pesquisa sobre este tema, já que esta fase, segundo minha própria experiência, é decisiva para os docentes.

Também é nesse período que os professores vão estabelecer interações com seus pares, construindo algumas lógicas importantes que poderão se tornar definitivas para suas ações docentes.

Ao falarmos de estudos que abordam o processo de inserção dos docentes e o ciclo vital dos professores, uma referência básica, são os trabalhos desenvolvidos por Michael Huberman (2000). Sua intenção era organizar a carreira docente em etapas, buscando tendências gerais e proporcionando assim uma compreensão mais ampla do desenvolvimento profissional dos professores.

A primeira etapa, com duração de cinco anos, do ciclo de vida profissional dos professores é o início ou entrada na carreira, que é caracterizada por dois estádios sendo o primeiro de “sobrevivência” e o segundo o de “descoberta”. O aspecto da “sobrevivência” traduz o que se chama vulgarmente o “choque do real”, a confirmação inicial da complexidade da situação profissional. Em contrapartida, o aspecto da “descoberta” traduz o entusiasmo inicial, a experimentação, a exaltação por estar em situação de responsabilidade e por se sentir colega num determinado corpo profissional (HUBERMAN, 2000).

Por se tratar de um tema pouco estudado são poucos os trabalhos na literatura brasileira que tecem críticas ao modelo do ciclo de vida docente proposto por Huberman (2000).

Acreditamos que indivíduos, com o mesmo tempo de experiência profissional, podem apresentar diferentes etapas de evolução, pois vários aspectos – as experiências de cada um, os significados que são atribuídos a

essas experiências, as percepções, as expectativas, as frustrações, fatores de natureza sócio-política e cultural, entre outros vão influenciar a vida profissional do professor, não fazendo sentido enquadrá-los em etapas “lineares e previsíveis”, devendo levar em consideração o contexto de trabalho do professor.

A cultura docente constitui o componente privilegiado da cultura da escola como instituição. Ela se especifica nos métodos que se utilizam na classe, na qualidade, no sentido e na orientação das relações interpessoais, na definição de papéis e funções que os professores desempenham nos modos de gestão, nas estruturas de participação nos processos e tomada de decisões.

Porém, hoje ela vive momentos delicados, o que incide em uma tensão inevitável e preocupante entre as exigências de um contexto social em constantes mudanças, incerto, caracterizado pela evolução tecnológica, a pluralidade cultural e, principalmente, pela dependência dos movimentos do livre mercado mundial em oposição aos costumes estáticos de um sistema escolar sem flexibilidade, opaco e burocrático.

Todos esses fatores fazem com que os docentes se sintam cada dia mais inseguros, indefesos e ameaçados por uma evolução na qual não podem ou não sabem acompanhar. Suas crenças e valores são questionados e desvanecem não encontrando substitutos nem compreensões válidas levando-os a reações ineficazes, a um comportamento de passividade, inércia ou regresso a comportamentos gregários, conservadores e obsoletos que dão primazia ao isolamento ou ao autoritarismo (PÉRES GÓMEZ, 2001).

A cultura docente é de vital importância, uma vez que determina não somente a natureza das interações entre os colegas, mas também o sentido e a qualidade das interações com os alunos. Ela modela a comunicação em cada sala de aula e em cada escola, que é onde evidentemente reside a qualidade dos processos educativos e de comunicação, sendo então um fator imediato de maior importância na determinação da qualidade desses processos.

Diante desse contexto elaboramos a seguinte questão para nortear o trabalho: Quais são os desafios de ser constituir-se professor de Matemática em início de carreira?

2. Objetivos

Em síntese, são objetivos desta pesquisa:

- Analisar e descrever as dificuldades vivenciadas por professores de Matemática em início de carreira.
- E analisar e descrever como vêm enfrentando o desafio de ser professor de Matemática diante da cultura escolar.

3. Desenvolvimento

Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo foi desenvolvida com base em entrevistas semi-estruturadas e por mim conduzidas a partir de um roteiro pré-estabelecido, porém não aplicado rigidamente. As entrevistas foram todas gravadas e transcritas na íntegra.

Além das entrevistas também estão sendo consideradas as informações contidas no diário de campo da pesquisadora que foram transcritos logo em seguida a execução de cada entrevista.

O universo da pesquisa é constituído por quatro professores de Matemática (duas mulheres e dois homens) que possuem entre 0 a 5 anos de docência.

Os dados são trabalhados a partir da análise qualitativa do conteúdo.

4. Resultado e Discussão

A P1 sobre seu início de carreira se mostra incomodada com a solidão vivida dentro da escola por não conseguir alguém para conversar, para dialogar sobre seus problemas e diz

“..os professores vendo a minha preocupação em planejar a minha aula, me vendo na biblioteca procurando livros...eles falavam para mim que isso era coisa de começo de carreira...daqui a pouco você vai cair na realidade e vai que não é nada disso...”

Vemos aqui a sua solidão em enfrentar a realidade de sua escola, uma vez que, não encontra na escola interlocutores interessados em ajudá-la e uma certa aceitação em relação as condições de trabalho, por parte dos colegas de trabalho, o que a faz experimentar o dia-a-dia na sua escola sozinha.

Para Pérez Gómez (2001), o isolamento do docente, patrimonialista de sua sala de aula e seu trabalho, pode ser uma das características mais difundidas e perniciosas da cultura escolar. Por múltiplas razões históricas, a cultura do docente parece vincular a defesa de sua autonomia e independência profissional com tendência ao isolamento, à separação, à ausência de contraste e cooperação.

Esse mesmo comportamento dentro da escola parece ser vivenciado também pelo P2, ao falar da sua solidão, falta de um trabalho colaborativo, que os professores se sentem muito reduzidos no momento de tomar decisões dentro do sistema educativo que trabalham, pressionados permanentemente para a conformidade, não vivem um processo de reconstrução da própria experiência e do próprio pensamento não indagando as condições materiais, sociais, políticas e pessoais que configuram o desenvolvimento da concreta situação educativa da qual participa o docente. O jovem professor reclama por não encontrar, na escola, interlocutores dispostos a encaminhar, com ele, algumas saídas para as situações que o angustia.

“... eu acho que tem professores que massacram demais os alunos..., mas eu não vejo ninguém fazendo alguma coisa para poder melhorar. Eu, apesar de estar começando, tento, tento conversar com o aluno, mesmo fora da sala de aula para ver se eu entendo o que ele está sentindo...” P2

No entanto, o P2 apresenta-se resistente e inconformado com esse aspecto da cultura docente, se negando a orientação conservadora implícita em tal enfoque, a reprodução de hábitos, idéias, valores, comportamentos pessoais e sociais consolidados e legitimados pela forma peculiar da estrutura social e a configuração ideológica e cultural dominante. Este professor ao passar por um processo de imersão na cultura da escola mediante o qual o futuro docente se socializa dentro da instituição não aceita a cultura profissional herdada e os papéis profissionais correspondentes, não se submetendo a pressão evidente da tradição histórica, das inércias e dos hábitos adquiridos e produzidos pelos docentes, alunos e comunidade social.

Podemos considerar que todos os professores nessas condições vivem isolados atuando apenas dentro do limite de sua sala de aula. Longe de vivenciarem um trabalho colaborativo que transportaria o desenvolvimento profissional dos docentes mais além dos reduzidos e locais horizontes do individualismo e isolamento, para um cenário em que os docentes podem aprender uns dos outros ao compartilhar suas experiências, temores, propósitos e pensamentos.

O P3 também vive as angústias da sociedade do êxito. Onde a perda de legitimação tradicional da tarefa docente, a incerteza de novos horizontes, acompanhadas pela pressão e pela urgência de responder as exigências do mercado está provocando no docente um alto grau de ansiedade e insatisfação profissional, uma vez que ele, enquanto professor de Matemática, é cobrado pelos colegas, pois a secretaria da educação promete bônus para os professores no final do ano de acordo com o rendimento dos alunos na prova do SARESP onde a Matemática é uma das matérias, além de Português que são cobradas nessa prova.

“... antes éramos somente bicho papão das crianças, agora somos para os professores também...veja, essa secretária não para de falar que o bônus será de acordo com o resultado do SARESP e no SARESP só cai Português e Matemática, então eles falam ...trabalhe direito que eu quero bônus, faça seus alunos estudarem...”

Diante dessa cultura podemos perceber que a compreensão do tempo e a urgência dos resultados são alguns aspectos mais significativos deste incontrolável incremento da ansiedade docente. Induzida pelas exigências da sociedade de mercado, penetra na escola a obsessão pela eficiência aparente a curto prazo, pouco importando a evidência de que os processos realmente educativos que conduzem ao desenvolvimento criativo da personalidade individual requerem tempo e condições para a sossegada reflexão, a experimentação rigorosa e sem precipitação, a análise e avaliação detida. Vivemos um momento, na sociedade do mercado, em que os resultados acadêmicos se convertem em mercadorias, os quais se valorizam aqui e agora, embora sejam só aparências e escondam um enorme vazio e ausência de aprendizagem relevante. Em conseqüência disso, se reforçam estratégias individuais e coletivas que se

encaminham na priorização da rentabilidade sobre a produtividade.

Esta ideologia da rentabilidade escolar, tão difundida e querida pelas políticas neoliberais dos governos conservadores, provoca nitidamente e desvalorização da tarefa educativa, situa o docente à mercê dos ventos revoltos do mercado e provoca sua insatisfação e ansiedade profissional, pois o aproxima do desvirtuamento de sua função educativa: a formação do indivíduo na recriação da cultura, em favor de um simulacro entendimento como primazia do rendimento acadêmico sobre os conteúdos disciplinares e a vida acadêmica se converte em simulacro a serviço do êxito acadêmico na superação das avaliações.

A P4 em sua escola está experimentando a saturação de tarefas as quais sempre vêm da administração, dos especialistas, de pessoas que estão fora do contexto escolar

"...ainda o ano passado no estado não tinha essa proposta. Na escola que eu estou o diretor e coordenador ficam no pé da gente, fazem seguirmos a proposta a risca, ...são coisas mínimas, por exemplo, preenchimento de diário de classe, coloca data, não coloca data, registra conteúdo, registra habilidade...isso cansa, é muita coisa e de certa forma inútil. "

Esse sentimento, segundo Pérez Gómez (2001), um dos sentimentos mais constantes do professorado na atualidade é a sensação de sufocação, de saturação de tarefas e responsabilidade, para fazer frente às novas exigências curriculares e sociais que pressionam a vida diária da escola. Fica claro que tal mudança se converteu em apenas meras rotinas formais. Acredito que a obrigação de realizar a prazo fixo e por imperativo legal o projeto curricular vindo de uma administração externa provoca, em muitos casos, uma implicação apenas burocrática e fictícia do professorado, a qual se traduz numa simples movimentação que em nada afeta a melhora da qualidade da prática.

5. Considerações Finais

Apesar de todo envolvimento e esforço dos professores na busca de permanente desenvolvimento profissional, a escola na qual atuam, constitui-se em um espaço de contradições e conflitos para a realização satisfatória de seu trabalho docente. Isso mostra quão complexa e desafiadora é a ação docente.

Entretanto, os professores, diante desse quadro sombrio, ainda alimentam esperanças de que é possível reverter essa situação. Para isso, esperam contar com parceiros que possam contribuir para o redimensionamento da prática profissional.

Referências Bibliográficas

GAMA, R. P. Desenvolvimento profissional com apoio de grupos colaborativos: o caso de professores de matemática em início de carreira. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, 2007.

HUBERMAN, M.. O ciclo de vida profissional de professores. In: NÓVOA, António (org). Vidas de professores. Porto: Porto Editora, 2000, p. 31-62.

PÉREZ GÓMEZ, A. A cultura escolar na sociedade neoliberal. Editora artmed: Porto Alegre, 2001. Tradução Ernani Rosa.